

Dança Difusiva do Desejo em Fortaleza: Edifício São Pedro Entre o Moderno e o Arcaico¹

Virna ALVES²

Alessandra ARAÚJO³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Esse artigo propõe uma caminhada para a descoberta dos desdobramentos da história que envolve o Edifício São Pedro na cidade de Fortaleza, no bairro Praia de Iracema. Nesse trabalho, busco compreender como o projeto da *Belle Époque*, muito impulsionada pelos meios de comunicação, causou transformações na malha urbana da capital, com foco no Edifício São Pedro e como se deram os processos de visibilidade e invisibilidade do prédio. Os escritos emergiram a partir do diálogo com autores como Ponte (2000), Latour (2013), Duarte (2006) Canclini (2003), Agamben (2009) e Rancière (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Edifício São Pedro; Cidade; Fortaleza; Modernidade; Comunicação.

1 AS BASES DO CONFLITO EUROPEIZADOR

Nessa pesquisa, optei por trazer uma abordagem teórica mais profunda sobre o período da *Belle Époque* fortalezense, a modernidade na capital cearense e o homem contemporâneo, com o objetivo de trazer uma fundamentação acerca das influências sofridas pelo Edifício São Pedro, por meio da revisão literária principalmente de autores como Duarte (2006), Agamben (2009), Ponte (2000), Canclini (2003) e Rancière (2010).

Analisaremos a fase de “progresso e modernização” enfrentada pela cidade de Fortaleza que foi regida pelo período conhecido como *Belle Époque*. Iremos abordar temáticas que envolvem o desenvolvimento urbanístico fortalezense, a segregação socioespacial, as mudanças socioculturais da época e ainda discutir o verdadeiro intuito do modelo europeu de modernização urbana, chamado por muitos autores, como Ponte (2000) e Napolitano (2006), de processo “europeizador”, que foi fortemente interferido e reverberado pela ação dos meios de comunicação.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduada do Curso de Comunicação Social da UNIFOR, email: virnamariabenevides@gmail.com

³ Coordenadora do curso de Comunicação Social da UNIFOR, email: alessandraoliveira@unifor.br

Também realizaremos a discussão de como o Edifício São Pedro se encaixa nesse contexto contemporâneo, relacionando os conceitos com o prédio que é o foco de minha pesquisa. Falaremos como as atitudes do homem vivo na contemporaneidade afetam a imagem da construção, as impressões sobre ela e a forma de sociabilidade na capital cearense.

2 Belle époque em Fortaleza e o Desejo de Ser Paris

Segundo Ponte (2000), chega em 1860, o momento de grande destaque da capital cearense, fala-se de uma época de renascimento e repleta de encantos quando se anuncia a chegada da civilização que, nesse contexto, é sinônimo de modernidade e progresso. A *Belle Époque* foi um período da França fortemente influenciado pelas descobertas científicas e pelos avanços tecnológicos e intensamente reverberada pelos meios de comunicação. As inovações tinham como objetivo facilitar a vida em todas as camadas sociais. A cena cultural ganhou grande destaque, a beleza tomou outro sentido e as artes conheceram novos rumos, como por exemplo, as vanguardas europeias (futurismo, dadaísmo, cubismo, expressionismo e surrealismo). A expressão, *Belle Époque*, também foi utilizada para nomear a época fortalezense intensamente inspirada em Paris, mas a *Belle Époque* francesa não chegou em sua essência ou totalidade à capital cearense, que experimentava duros hábitos segregacionistas por parte da elite.

Civilizar e domesticar indicavam o que as elites política, econômica e intelectual, idealizadoras e patrocinadoras desse processo, pretendiam fazer aos pobres, aos doentes, às prostitutas, aos mendigos e aos vadios. Não bastava “apetrechar” a cidade de equipamentos e serviços modernos, era necessário modificar as formas de comportamento, modos de falar, de vestir e de comer. A missão era “civilizar” as camadas mais populares, cessando seus hábitos mais rudes e grosseiros, assim classificados pelos agentes desse processo domesticador.

Dessa forma, interessava aos burgueses ajustar a cidade aos moldes estéticos e materiais dos grandes centros urbanos mundo a fora e, assim, medidas “higienizadoras” e repressoras teriam de ser tomadas. Essa modificação na malha urbana é comentada por Duarte (2006) como forma de influência das inferências do espelho mídia, que refletem as imagens mais rentáveis e são capazes de modificar as dinâmicas na cidade. O que altera o local do vórtice de acontecimentos da cidade é o fluxo do desejo de cidade, conceito de Duarte (2006) que explica que o deslocamento do desejo é capaz de transformar as formas de sociabilidade, alterando não só centros

econômicos, mas também políticos e sociais. Trata-se de um desejo coletivo e espontâneo dos cidadãos, influenciado principalmente pelo espelho mídia, que trata dos canais de comunicação, e esse é tão forte que é capaz de alterar toda a malha de edificações da capital, transformando locais antes extremamente habitados e frequentados, em espaços fantasmagóricos da urbe, ou vice-versa.

O espelho mídia é o motivo dessa movimentação constante na fabricação de novos referenciais, que por sua vez se tornam novas fontes de vontades e levam a massa humana a movimentar-se em consonância com essa coreografia difusiva do desejo, que é abundantemente mais movente em grandes metrópoles que possuem um número maior de dispositivos de comunicação capazes de transmitir essas imagens referenciais:

Chamamos de desejo de cidade o que faz e refaz sua urbanidade, que desloca sua população com novas perspectivas de economia levando ao alargamento geográfico da sua malha de construção. O desejo de cidade desenrola o gigantesco tapete da cidade por sobre vales e montanhas (p.104).

Para isso, foram construídos os hospitais Lazareto da Lagoa Funda e a Santa Casa de Misericórdia, que serviram de agentes higienizadores e “zelaram” pela saúde pública, principalmente de pobres, considerados o foco propagador de insalubridades na urbe. Era importante que os homens estivessem sadios e fortes para produzir mais e para atingir o desenvolvimento necessário demandado por uma capital em progresso.

A cidade crescia visivelmente, mas de forma praticamente exclusiva para a elite, fazendo com que idosos, loucos, prostitutas e mendigos fossem afastados do perímetro central urbano por serem acusados de perigo à saúde da população. Girão (2000) afirma que em 1875, o governo cearense decide, como forma de disciplinar o crescimento espacial da cidade, contratar o engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster que desenvolveu a Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios. Antes disso, a capital tinha tido o planejamento urbano de Antônio José Silva Paulet, em 1818 e foi organizada ortogonalmente, de maneira enxadrezada, como essencialmente se configura até hoje. Sobre o projeto de Silva Paulet:

Com seu plano de retificação e de expansão disciplinada. As vias públicas passaram a obedecer um sistema, cortadas em ângulo reto e os prédios mudaram gradativamente a sua estrutura de taipa para a alvenaria de tijolo, mas ainda eram baixos e sem frontões ou cornijas. De beiral liso, como se dizia (GIRÃO, 2000, p. 21)

Herbster, engenheiro da província do Ceará e da Câmara Municipal de Fortaleza, ajustou o sistema traçado anteriormente por Silva Paulet, levando

alinhamento de ruas até a periferia e melhorando o trânsito de pessoas e mercadorias, deixando também a capital mais fácil de ser vigiada e menos propícia à revoltas e distúrbios. Seu projeto foi todo inspirado nas reformas de Paris, como podemos observar na figura 1 a seguir.

O objetivo era simular um tabuleiro de xadrez e fazer a cidade de Fortaleza ficar cada vez mais parecida com a cidade de Paris, simulando seus *boulevards*⁴ com as avenidas largas.

Ponte (2000) afirma que, em 1880, Fortaleza recebe de braços abertos as novas construções de bondinhos e do Passeio Público, um espaço que faltava para a população sanar o desejo de um local propício para encontros, “paqueras” e para passeios a pé. Os bondinhos ajudavam no fluxo da cidade que havia se tornado mais rápido, evitando atrasos dos trabalhadores com um transporte mais ágil do que a carroça guiada por cavalos que existia anteriormente, aumentando assim a produtividade.

Figura 1: Planta de Fortaleza e subúrbios (1875). Por Adolfo Herbster.



Fonte: Arquivo Nirez.

Na década de 1880, para ser ainda mais Paris, com seus cafés que reuniam intelectuais e modernos para conversar e celebrar, os mesmos também foram construídos em Fortaleza. Quatro, todos em estilo *chalet* (estilo próprio da arquitetura francesa), em seu vórtice de acontecimentos, a Praça do Ferreira, que era ponto de partida e chegada dos bondes e que concentrava os principais comércios em seu entorno.

Ponte (2000), fala que foi em um desses cafés, no Java, com Antônio Sales, que nasceu a famosa e irreverente agremiação literária, Padaria Espiritual, que satirizava

⁴ Termo que designa um tipo de via de trânsito geralmente larga.

o incessante “afrancesamento” da população que se sentia culta por vestir-se como os franceses, por usar rotineiramente expressões francesas e que buscavam, sem parar, imitar a cultura europeia.

O movimento foi pejorativamente nomeado de Ceará Moleque. Reunia aqueles que ridicularizavam esse desejo exacerbado de ser Paris, e tinham a intenção de fazê-lo com criatividade, originalidade e inteligência, satirizando o modelo progressista afrancesado instalado na capital. Os adeptos mais conhecidos do Ceará Moleque foram os poetas e boêmios da agremiação Padaria Espiritual. De certa forma, esse movimento satirizador de si próprio existe até hoje na forma de fazer humor do cearense. Nosso povo encontrou nesse deboche de si sua configuração característica e esse traço da personalidade do cearense tornou-se um estereótipo reproduzido ainda hoje, se incorporando assim, ao imaginário das pessoas.

O grupo detestava publicamente padres, alfaiates e a própria polícia. Tinha o intuito de ser escandaloso e famoso, com repercussão nacional, além de odiar a burguesia e suas imitações preguiçosas e chulas de referências estrangeiras. Comprometidos em chocar a população, Ponte os definiu como:

Excêntricos, singulares e ensandecidos em uma sociedade que se pretendia racional, os poetas-boêmios assumiam todas as pulsões dionisíacas que latejavam em seus tenros espíritos. Topando acasos e provocando surpresas, desafiando normas sociais e padrões morais, virando a cidade pelo avesso, atiravam-se de corpo e alma, em agradável desespero, na poesia e na vida boêmia. Muitos morreram cedo, um cometeu suicídio; um outro, homicídio – nenhum deixou de ser poeta. (2000, p. 175)

Segundo Ponte (2000), a partir de 1912, começa o declínio do regime embelezador na capital cearense, devido às revoltas armadas contra o governo Accioly, oligarquia poderosa no Ceará, conhecida pela sua personalidade repressora e totalitária. De Accioly para frente, mais tragédias para o suposto processo modernizador da *Belle Époque* na capital, que agora enfrentava forte seca e trazia “flagelados” e miseráveis do interior à Fortaleza, aumentando os índices de delitos causados pelo empobrecimento da população. Ainda segundo Ponte (2000), a população chegou a casa de mais de 100 mil habitantes e a frágil e encenada beleza e calma de antes vista ficou para trás, dando lugar às ruas superlotadas, mais carros, mais caminhões e mais pedestres.

A década de 1920 encerra de vez a *Belle Époque* com um acontecimento simbólico: a demolição de parte da Praça do Ferreira (símbolo da época

“modernizadora”) e seus quatro cafés, para dar espaço ao enorme número de pedestres, carros e etc.

Como vimos, o objetivo da *Belle Époque* era trazer o embelezamento para a capital, inspirado no projeto progressista e revolucionário francês, no entanto, a *Belle Époque* que chegou a Fortaleza foi uma ilusão, já que o sistema europeizador excluía as camadas mais pobres da sociedade. De fato, existiu sim um projeto urbanístico para o período, no entanto, esse projeto, como vimos no exemplo do Passeio Público, era segregacionista e separava a burguesia da pobreza. Destruído o cenário Parisiense em Fortaleza, a pobreza, a desigualdade, as doenças e todos os problemas vieram à tona.

Ponte (2000) afirma que chega, então, um tempo de princípios mais racionais e menos belos, as construções, a pressa e a velocidade da nova rotina, exigiam menos tempo gasto com detalhes, revolucionando outra vez o modo de pensar e agir dos fortalezenses.

O tempo começa a passar diferente, mais acelerado, com mais tarefas e menos folga entre as atividades. São os vestígios de um período mais sóbrio, chegando à capital cearense, que aumentam o número de carros nas ruas, incentivam as reformas urbanísticas para avenidas maiores, constroem mais prédios, alargam e deslocam o perímetro urbano central. Deixamos de querer o belo, para desejar o mais grandioso, o que revela mais magnitude, o que ocupa espaço e o que chega mais perto do céu.

No entanto, essa modernidade, ocorrida na Europa e nos Estados Unidos ainda no período dos séculos XV e XVI é tardia e seletiva quando chega ao Brasil no século XIX, e ainda possui um impacto inundado de diferentes significados e resultados, explica Canclini (2003).

Ao fim da *Belle Époque*, chegamos a um momento de notória transição. Quando deixamos de lado os cuidados com os detalhes e o apreço por hábitos sofisticados, estamos suavizando a força da influência francesa no nosso cotidiano, para assumir a posição de admiradores de outra cultura. Segundo Ribeiro⁵ (2001), em 1942, ano próximo ao fim da *Belle Époque*, foi construída em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma base militar norte americana para suporte na Segunda Guerra Mundial. A capital potiguar encontra-se em posição estratégica, no extremo nordeste da América do Sul, funcionando como ponte entre Europa e Estados Unidos.

⁵ National Geographic Brasil <<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/segunda-guerra-brasil>> Acesso em: fevereiro 2017.

Ribeiro (2001), ainda afirma que Natal passou a ser a cidade mais badalada do Nordeste, atraindo turistas e curiosos interessados na cultura estadunidense que tomou conta do local.

Sobre o impacto dessa modernidade tardia e dessa influência norte americana no olhar e na forma de sociabilidade do fortalezense, falaremos a seguir.

3 Fortaleza moderna, o Edifício São Pedro e o desejo de ser Miami

Mesmo tendo chegado ao fim o período da *Belle Époque*, Fortaleza não desistiu de buscar referências em outras cidades. O Edifício São Pedro – e muitas outras edificações alencarinas⁶ - são provas existentes, de tijolos e concreto, de que Fortaleza é uma capital que buscou intensamente nas culturas estrangeiras uma identidade para si, no entanto, dessa forma, reconfigurou esse intercâmbio cultural e transformou essas construções, como o Edifício São Pedro, por exemplo, em marcas fortes da nossa cultura. Incorporamos o Edifício, inclusive o apelidando de Gaiola dos Pombos, e hoje se trata de uma referência própria.

A “Gaiola dos Pombos”, como vulgarmente é chamado a partir dos anos 2000, devido ao abandono da população e à invasão das aves no prédio, na década de 1950, foi o suntuoso Iracema Plaza Hotel, inspirado na rede hoteleira de *Miami Beach*, com a arquitetura que remetia à forma de um navio. Segundo Leila Nobre⁷, na parte hoteleira do Edifício, eram mais de 100 apartamentos com salões de convenções, estar, *coffee shop* e barbearia. São doze mil metros de área construída com apartamentos de duzentos metros quadrados. A construção foi símbolo da burguesia da cidade, pessoas que consumiam os sabores regionais e internacionais do restaurante Panela, que funcionava nas dependências do hotel e que recebeu diversas personalidades na sua época dourada. Foi esse restaurante que trouxe aos fortalezenses da década de 1950 o hábito, que até então era incomum, de sair para jantar ou almoçar fora de suas casas, apreciando a paisagem e a culinária – a construção localiza-se exatamente em frente à Praia de Iracema.

Até em meados da década de 1950, segundo Leila Nobre⁸ (2009), a população de Fortaleza concentrava suas principais atividades hoteleiras, comerciais, políticas, econômicas e sociais no Centro da cidade. Porém, nessa época, a imobiliária Pedro Philomeno Gomes, construiu na capital dois grandes empreendimentos

⁶ Referente a José de Alencar, significa fortalezense.

⁷ Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: fevereiro. 2017

⁸ Website Fortaleza Nobre <<http://www.fortalezanobre.com.br/>> Acesso em: setembro 2016.

residenciais que, devido o grande evento da chegada do presidente Castelo Branco em Fortaleza, se transformaram em edifícios mistos (residencial e comercial). Um desses era Lord Hotel, no próprio Centro da cidade, e o outro, que pouco tempo depois rasgaria a orla para o bairro nobre de Fortaleza, era o Iracema Plaza Hotel, atual Edifício São Pedro, na Praia de Iracema (foto a seguir).

Figura 4 – Iracema Plaza Hotel, 1950.



Fonte: Website Fortaleza Nobre⁹.

A ideia era trazer, por meio da influência da arquitetura de Miami, a sensação de modernidade que a nova cidade modelo transmitia por meio de seu espelho mídia. Pela expressão de “espelho mídia”, entendemos as mensagens transmitidas pelas telas comunicacionais, para Duarte (2006, p. 107) “uma informação conceitual, uma construção imaginária complexa montada a partir de fragmentos de realidade midiática que apontam para um sentido”. O autor explica que desejo de cidade é fortemente influenciado pelo espelho mídia e que juntas, essas duas forças são capazes de transformar intensamente os caminhos e destinos de uma metrópole. Para o autor, o desejo de cidade advém do desejo de espécie que significa o desejo de sobreviver, a pulsão de vida e essa é capaz de levar coletivos humanos e animais a criação de algo novo em prol da continuação de suas existências.

O desenvolvimento dessa capacidade significa ao homem o desenvolvimento da consciência, o aprimoramento de suas habilidades para melhor existir e a elaboração de técnicas que culminaram na tecnologia. Foi daí então, que, segundo o autor, surgiu o desejo de ser cidade. Mas a verdade é que não se trata de um feito inédito, animais como abelhas, formigas e cupins já vivem de tal forma, dividindo e concretizando tarefas dentro de um grupo. O que há de original no caminho tomado

⁹ Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/11/edificio-sao-pedro-antigo-iracema-plaza.html>> Acesso em: setembro, 2016.

pelos homens é a separação entre cidade e ecossistema natural, criou-se um cenário de ruptura.

Foi natural da condição humana criar formas de intermediação com a natureza, desde sua prolongada estadia uterina. Há um gradativo processo de continuação da fase placentária no aprendizado do mundo técnico de um ser humano quando nasce. Slortedijk acredita que o homem cria bolhas de interface entre ele e a natureza como forma de complementar essa distância, que vem de longo tempo de gestação. (DUARTE, 2006, p.101)

Entende-se, então, que os homens criaram um ecossistema próprio que consiste na cultura humana, e essa existe num habitat singular, a cidade. A urbe funciona na continuação dessa interface homem-mundo e, de acordo com a complexidade da cultura de seus habitantes, segue criando gradativamente mais “dispositivos bolha” capazes de alargar essa distância que os separam da natureza.

Podemos avaliar que, o constante hábito de buscar referências advindas de outras cidades, outros países e outras culturas, influenciou Fortaleza a pouco olhar para si e pouco perceber suas riquezas, suas originalidades e suas potências. O que constantemente ocorre na capital é a reprodução de uma cultura que valoriza exacerbadamente a novidade e o que vem de fora.

Para Latour (2013) esse desejo pelo moderno é originário da necessidade de combater o passado, de se autoafirmar em um novo tempo que rompe definitivamente com o que ficou para trás. Entre o moderno e o antigo há sempre uma disputa com vencedores e vencidos, onde a modernização se opõe ao arcaico, ao estável. Ser moderno é estar sempre em movimento, seguindo o fluxo.

No entanto, o autor afirma que jamais fomos modernos, que hoje estamos resistentes ao adjetivo porque não podemos mais atribuir prêmios aos vencedores, e ainda, que os modernos desejam desesperadamente extinguir o passado. Existe um problema de identidade, Latour (2013) explica que nascemos depois dos chamados modernos, mas com a desagradável sensação de que não há mais depois, com a consciência de ter ganhado a disputa entre velho e novo, porém sem assimilar o que realmente seria novo, o que realmente seria original e inédito.

Na fala de Canclini (2003), encontrei uma conexão entre os quatro projetos modernizadores e o pensamento de Latour (2013), todos desejam buscar a novidade. Para o autor, a modernidade é integrada por quatro movimentos: o projeto emancipador, expansionista, renovador e democratizador. O que não quer dizer que suas quatro vertentes tenham chegado sem alterações aos países destino.

O que significa ser moderno? É possível condensar as interpretações atuais dizendo que quatro movimentos básicos constituem a modernidade: um projeto emancipador, um projeto expansionista, um projeto renovador e um projeto democratizador. (CANCLINI, 2003, p.31)

O projeto expansionista, por exemplo, se refere ao amplo acesso a informação e igualitária distribuição dos bens materiais em todo o território, o que na realidade não ocorreu nos países latino-americanos. O que acontece por aqui é a concentração de informação privilegiada para os ricos e formas alternativas de consumo para os pobres, para que a diferenciação entre as classes não chegue ao fim.

Ainda segundo Canclini (2003), o projeto democratizador também não funciona totalmente, tendo em vista que seu objetivo é o de levar aceitáveis padrões de educação e cultura para toda a população. O que ocorre na maioria dos países latino-americanos é a restrição de acesso a esses benefícios devido às diferentes classes sociais.

O projeto renovador também foi danificado, já que tem o objetivo de trazer com agilidade as inovações tecnológicas e a ascensão da ciência, mas o investimento da América Latina não é suficiente para acompanhar a desenvoltura dos países europeus e norte-americanos.

Por último, também não conseguimos atingir em sua totalidade o projeto emancipador que torna o indivíduo dono do seu sucesso e do seu fracasso, que corrobora com o individualismo, com a não subordinação do ser humano às instituições e com a racionalização da vida social, o que não ocorre com tanta frequência na cultura latino-americana, que ainda é fortemente ligada à religião e às oligarquias.

Desde então, o abismo perspicuo entre a intenção do projeto modernizador e os fragmentos dele que realmente chegaram aos países da América Latina só aumentou. Brasil, Argentina, Colômbia, Chile e muito dos outros sofrem com elevadas taxas de desigualdade social e segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano (IDH) do Pnud¹⁰ (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), divulgado em dezembro de 2015, nenhum país latino-americano se encontra no *ranking* dos 10 (dez) melhores IDHs do mundo.

Assim, segundo Canclini (2003), o movimento modernizador não foi desenvolvido em sua totalidade na América Latina, dessa forma, o autor corrobora com a ideia de Latour (2013) que na América Latina, jamais fomos modernos de fato. No

¹⁰ Disponível em: <<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/>>. Acesso em: setembro, 2016.

entanto, mesmo sem o completo êxito do projeto, a imagem da cidade de Fortaleza foi profundamente afetada por esse desejo modernizador. Para discutir essa imagem afetada de Fortaleza, falaremos a seguir do homem contemporâneo e de como sua singular relação com a própria época é capaz de transformar o tempo cronológico.

4 A contemporaneidade transformando a vivência em Fortaleza

Desde 1950, ano de inauguração do Iracema Plaza Hotel, até 2016 (ano atual), quando já é Edifício São Pedro há algumas décadas, o prédio passa por mudanças. Não foi reformado, mas o tempo se encarregou de transformá-lo fisicamente, e hoje, o sofisticado hotel de outrora, é uma edificação desgastada e deteriorada pela ação do tempo, dos fortes ventos da região que o cerca e pela poeira e poluição comum às grandes cidades.

Argan (1998) afirma que as gerações passadas construíram palacetes, monumentos e obras de arte em forma de arquitetura que até hoje nos limitam, nos comunicam e nos impõem dados para o planejamento urbano atual com a intenção de transmitir suas exigências para o futuro. No entanto, quem comunica para o futuro é sempre um homem do presente (nesse caso, do passado) que de nada tem certeza da época que virá.

Assim, as pessoas atuais demoliram, reformaram ou até conservaram esses monumentos, esses prédios, sem nunca entender de fato o que queriam dizer os antigos. Segundo Argan (1998, p. 226) “Se conservamos esses monumentos, o fazemos porque esta é uma exigência da *nossa* cultura, tanto assim que atribuímos a eles um significado completamente diferente daquele para o qual o foram construídos”, então o Edifício São Pedro de hoje, pouco conversa com a função que tinha o prédio na época de sua construção. Os monumentos do passado são constantemente modificados e atualizados pelos homens contemporâneos.

Para a nova geração de jovens que não presenciaram a elegância anterior da construção, temos em oposição a geração que o viu sair do chão e tornar-se referência na cidade de Fortaleza. Quantas memórias diferentes sobre o mesmo edifício guardam os que o conhecem desde a década de 1950?

Para Agamben (2009), o homem contemporâneo é aquele que não se encaixa perfeitamente em seu tempo, que sente pertencer a um outro, que não se adequa às atualidades e as contesta. Para o autor, a contemporaneidade é uma maneira única de se relacionar com sua própria época.

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Para perceber o Edifício São Pedro em seu estado vigente é necessário não estar totalmente de acordo com o tempo atual que vive Fortaleza, é necessário contestar a ideia imposta de abandono do antigo e não ceder totalmente aos deslumbres da modernidade. O próprio Edifício foi por certo tempo um deslumbre da modernidade, pois, quando ainda novo, atraía pessoas de todos os cantos da cidade para conhecê-lo, no entanto, o novo não é novo por muito tempo. A novidade é efêmera e dá lugar ao antigo.

Agamben (2009) explica a indispensabilidade da distância para se compreender o mundo moderno, para conseguir fixar os olhos e perceber o que acontece, assimilar a atualidade e poder modificá-la. Essa relação do homem contemporâneo será capaz de transformar o tempo cronológico, como quando uma sociedade intensamente moderna convive e dá novamente significado aos lugares antigos. São as múltiplas temporalidades coexistindo sobre a mesma malha urbana.

Para atinar ao Edifício São Pedro, é necessário desviar a vista dos holofotes da cidade, perceber o que mais ninguém vê e enxergar penetrantemente na escuridão. A construção encontra-se, em um local pontualmente marginalizado de um bairro nobre da cidade de Fortaleza, a Praia de Iracema, e sua calçada é ponto de prostituição e venda de drogas, invisibilizado pelos altos e luxuosos prédios que disputam a atenção na região.

Ainda segundo Agamben (2009, p. 62-63), “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros”. Ter consciência sobre o que realmente ocorre no seu tempo faz repensar os moldes e iluminar as trevas. Para os cientistas, segundo Agamben (2009), enxergar a escuridão não é apenas uma inércia da capacidade de ver, mas a atividade das células periféricas da visão que produzem o que chamamos de escuro.

Aqueles que desenvolveram a habilidade de perceber no escuro, neutralizando as excessivas luzes para então enxergar o negrume, são os chamados contemporâneos da época, que se interessam pelo negrume e não cansam de interpelá-lo. Agamben (2009) diz ainda que esses não necessariamente procuram ver o invisível da escuridão, mas que (p. 64) “recebem em pleno rosto o facho das trevas que provém

do seu tempo” e que aceitar a condição de ser contemporâneo é mais do que qualquer coisa, ser corajoso e se comprometer com o que não é obrigado desvendar.

Essa contemporaneidade, esse homem contemporâneo, tem a capacidade de mexer e transformar o tempo cronológico, tem forte ligação com o arcaico e pode opinar sobre futuro, então, devido sua ligação com o que conhece da origem, com o que sabe da criação, vem interpelar ainda mais intensamente o presente. Agamben (2009) afirma:

Os historiadores da literatura e da arte sabem que entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto, e não tanto porque as formas mais arcaicas parecem exercitar sobre o presente um fascínio particular quanto porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico (p. 70).

Fazendo um paralelo com Agamben (2009), esse homem que atinge o seu próprio tempo e tem a potência de modificá-lo é o que Rancière (2010) chama de espectador emancipado, espectador ativo, que não aceita a passividade do olhar e se inquieta em conhecer o processo de produção, é aquele que age em cena e torna-se também senhor da história. Esse espectador não se deixa seduzir tão facilmente por imagens e busca mais afundo a essência das histórias, das lições, do tempo, sente o desejo de descobrir, de desvendar, de revelar. Rancière (2010, p. 14) afirma ainda que esse anterior é o oposto do espectador passivo, do espectador que apenas observa: “A doença do homem espectador pode resumir-se numa fórmula breve: Quanto mais contempla, menos é”.

No entanto, o autor também afirma que o ato de observar, de olhar, é um ato de interpretação, de ideação, o espectador pode ali transformar-se no ator da sua história e que toda performance exige uma tradução do espectador, a decodificação do que vemos ou assistimos exige a ação de traduzir, interpretar, desvendar. O espectador também é, então, ator, ativo e coloca na sua tradução muito do que viveu, do que experienciou, do que já viu e do que já disse.

Ser espectador não é a condição passiva que devêssemos transformar em actividade. É a nossa situação normal. Aprendemos e ensinamos, agimos e conhecemos também enquanto espectadores que ligam constantemente o que veem com aquilo que já viram e disseram, fizeram e sonharam (RANCIÈRE, 2010, p. 28).

Ainda segundo Rancière (2010), muito do que for contado tem a intenção de ligar o conhecimento com a ignorância, o que se sabe com o que ainda não se sabe. Esse sujeito da cidade coloca em jogo sua capacidade, suas competências e o espectador

percebe o que pode ser produzido de novo a partir do que viu, do que leu, do que ouviu, do que pôde traduzir, imprimindo ali suas impressões, suas individualidades, suas singularidades. Esse sujeito consegue atravessar o outro e o deixa diferente. Essa tradução do espectador o fará participar da história e então construir, sua própria história. (2010, p.35) “Uma comunidade emancipada é uma comunidade de contadores e tradutores”.

Assim, o homem que observa o Edifício São Pedro tem a possibilidade, assumindo a posição de homem contemporâneo e de espectador emancipado, de enxergar ali não só o prédio depredado que agora existe, mas as intenções anteriores, o símbolo que já foi, o marco representativo da Praia de Iracema, ou, ainda, o desejo de modernidade da década de 1950. O prédio pode representar essa Fortaleza do velho e do novo, da luz e do escuro e, dessa forma, alguns passam ilesos ao Edifício São Pedro, enquanto outros se permitem afetar, permitem que as ideias da construção sejam capazes de lhes atravessar.

5 Conclusão sem fim

O Edifício São Pedro é para mim símbolo de resistência nessa cidade desmemoriada que é Fortaleza e essa é uma pesquisa em construção. Sem, necessariamente, assumir a forma cronológica das produções acadêmicas, esse estudo dança e inventa percursos sem inícios e fins, se comprometendo apenas com o meio, com o que no meio do caminho me afetou em Fortaleza. No entanto, é necessário afirmar a grande influência da mídia e seus artifícios na construção e desconstrução, na visibilidade e invisibilidade do Edifício São Pedro para a sociedade. As manobras midiáticas foram capazes de formular fortes opiniões e de permear intensamente os percursos que trilhou o prédio até o estado de abandono em que se encontra atualmente, primeiro semestre de 2017.

As intenções dessa pesquisa se concentram em enxergar o Edifício apagado na cidade e esse é um exercício a ser realizado em cada nova esquina que eu cruzar na capital, pois depois de 2 anos de mergulho nos estudos do São Pedro entendo que existe numerosos espaços que enfrentaram a dinâmica semelhante de esquecimento recorrente em Fortaleza.

Para o futuro que já começa amanhã, ou no minuto seguinte ao fim da escrita dessa minha pesquisa, pretendo continuar as andanças para conhecer outros

Edifícios São Pedros da cidade, dessa vez praticando as *errâncias* de Paola Barenstein como forma metodológica de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Editora Argos, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

DUARTE, Eduardo. **Desejo de cidade: múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica histórica**. UFC, Casa José de Alencar Programa editorial, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950 – 1980)**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PONTE, Sebastião Rogério. **A Belle Époque em Fortaleza: Remodelação e Controle**. 3 Ed. Edições Demócrito Rocha, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2010.

Sites:

Fortaleza Antiga. Disponível em: <<http://fortalezaantiga.blogspot.com.br/2010/01/fortaleza-na-belle-epoque.html>>.

Acesso em: setembro, 2016.

LEILA NOBRE. **Portal Fortaleza Nobre**. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: setembro de 2016.

PNUD. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/>>. Acesso em: setembro, 2016.

RONALDO RIBEIRO. **Portal National Geographic Brasil**. Disponível em: <<http://viajaequi.abril.com.br/materias/segunda-guerra-brasil>>. Acesso em: setembro, 2016.